



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

ALICE ALVES DA COSTA BISPO

**A INVISIBILIDADE DO CUIDADOR: O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA CLASSE
DA ENFERMAGEM**

**CAMPINA GRANDE-PB
2020**

ALICE ALVES DA COSTA BISPO

**A INVISIBILIDADE DO CUIDADOR: O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA CLASSE
DA ENFERMAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Especialização
em Saúde Mental e Atenção
Psicossocial da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do Título de
Especialista em Saúde Mental.
Área de concentração: Saúde Mental e
Atenção Psicossocial.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emily Souza
Gaião e Albuquerque

**CAMPINA GRANDE-PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B622i Bispo, Alice Alves da Costa.

A invisibilidade do cuidador [manuscrito] : o adoecimento psíquico na classe da enfermagem / Alice Alves da Costa Bispo. - 2020.

21 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Emily Souza Gaião e Albuquerque , Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Saúde mental. 2. Saúde ocupacional. 3. Adoecimento psíquico. I. Título

21. ed. CDD 362.2

ALICE ALVES DA COSTA BISPO

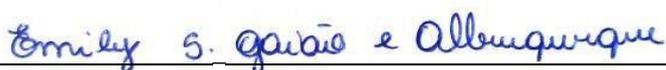
**A INVISIBILIDADE DO CUIDADOR: O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA
CLASSE DA ENFERMAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Saúde Mental.

Área de concentração: Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

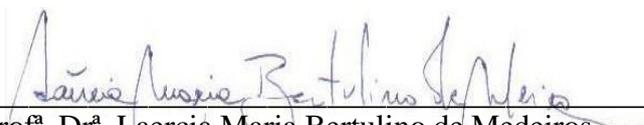
Aprovada em: 27/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

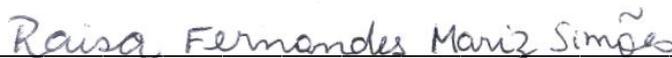


Prof.^a

Dr.^a Emily Souza Gaião e Albuquerque (Orientadora) Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Laercia Maria Bertulino de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Ms. Raisia Fernandes Mariz Simões
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho, meus pais, meu esposo, minha
sogra, minha cunhada e familiares, pela
compreensão, dedicação e apoio, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Josevania, coordenadora do curso de Especialização, por todos os ensinamentos e dedicação a toda turma.

À professora Emily Souza Gaião pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A meus pais Vera Lúcia e Helder José, meu filho João Ezequiel e meu esposo Hugo Albino pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e que sempre foram presentes ao meu lado, dando-me forças.

A minha sogra e cunhada por serem aqui em Campina Grande minha redede apoio para com o cuidado do meu filho, e assim permitisse que eu concluísse essa especialização.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

O trabalho é o modo de ser do homem, e como tal permeia todos os níveis de sua atividade, seus afetos, sua consciência, o que permite que os sintomas se escondam em todos os lugares: quem garante que o chute no cachorro ao retornar para casa não se deve a razões de ordem profissional? (CODO, 2006, p.186)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FUNDAMENTAÇÃO	11
2.1 contexto de atuação da enfermagem.....	11
2.2 adoecimento psiquico	13
2.3 perspectivas e caminhos	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

A INVISIBILIDADE DO CUIDADOR: O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA CLASSE DA ENFERMAGEM

Alice Alves da Costa Bispo

RESUMO

A jornada de trabalho pode se tornar elemento que propicia desgaste e sofrimento ao trabalhador; quando o contexto organizacional desencadeia sofrimento, para tanto o presente artigo aborda o adoecimento psíquico na classe da enfermagem, diante do seu contexto de trabalho. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura de natureza qualitativa fomentada por levantamento em livros, revistas e artigos científicos. a fim de cumprir com o objetivo de descrever os diversos contextos de atuação da enfermagem, discutir as causas que levam ao adoecimento psíquico do enfermeiro e sua relação como trabalho e mostrar possibilidades e perspectivas para minimização de impactos negativos das condições de trabalho sobre o processo saúde-doença desses trabalhadores. O estudo permitiu mostrar a importância da atuação profissional do enfermeiro dentro da rede de saúde, ao mesmo tempo que mostra as dificuldades frequentes dentro do ambiente laboral levando ao adoecimento psíquico.

Palavras-Chave: Saúde mental do trabalhador. Enfermagem. Trabalho.

ABSTRACT

The workday can become an element that causes wear and suffering to the worker; when the organizational context triggers suffering, for this purpose this article addresses the psychic illness in the nursing class, in view of their work context. For that, a qualitative literature review was carried out, promoted by surveying books, magazines and scientific articles. in order to comply with the objective of describing the different contexts of nursing practice, discuss the causes that lead to the psychic illness of nurses and their relationship with work and show possibilities and perspectives for minimizing the negative impacts of working conditions on the process health-disease of these workers. The study allowed to show the importance of the nurse's professional performance within the health network, while showing the frequent difficulties within the work environment leading to psychic illness.

Keywords: Mental health of the worker. Nursing. Work.

1 INTRODUÇÃO

O cuidado dentro de toda a história da humanidade caracterizou-se como uma forma de viver e de se relacionar com os demais. A princípio o cuidar apresenta-se como uma atividade religiosa, sendo passada de geração em geração (RAMOS, 2013). Por muitos séculos a enfermagem foi desenvolvida sem qualquer embasamento científico, prática exercida pelas mães, sacerdotes, feiticeiros e religiosos. Porém, com o passar dos anos, os conceitos começaram a mudar e sofreram mudanças importantes para a história da enfermagem, junto com uma das suas maiores propulsoras dessa classe, a enfermeira inglesa pioneira Florence Nightingale (KAWAMOTO E FORTES, 1997). A partir de suas condutas, junto de sua forte personalidade, visão, conhecimentos e habilidades técnicas esse cuidado foi reorganizado e criaram possibilidades até então não vistas para além do cuidar de feridos e doentes (OGUISSO, 2005).

Relembrando a origem da caracterização dessa profissão, observamos que ela era exercida majoritariamente por mulheres e sua prática está vinculada aos afazeres domésticos, por isso apesar dessa profissão ser firmada dentro do mercado de trabalho, essa questão cultural interfere no baixo valor social e financeiro relacionado a desvalorização do trabalho feminino. A enfermagem vem buscando qualificações que lhe dão dentro da rede de saúde, multitarefas e autonomia. (SANTANA, *et al.*, 2019).

Pode-se afirmar que aquele que tem apreço pelo cuidar como profissão mostra interesse pela conservação da vida, desse modo, a classe de enfermagem tem como um dos papéis dentro da saúde coletiva, desde a preservação da integridade até a reparação daquilo que possa ter prejudicado a vida do indivíduo. Os diversos campos de atuação da enfermagem exigem preparo amplo e uma busca constante em seus conhecimentos e competência profissional (CIANCIARULLO, 2001).

Entende-se que esse cuidado é uma característica que faz parte da essência do ser humano e é uma atitude na qual a pessoa oferta assistência ao outro com dedicação e bondade. Ao longo de toda a história os cuidados de responsabilidade da equipe de enfermagem caminham essencialmente para o cuidado do outro. Como passar do tempo as discussões sobre o olhar humanizado em saúde em toda a rede de serviço vem destacar que as relações interpessoais ocupam um papel importante

para o êxito do cuidado em enfermagem. Partindo do pressuposto que a enfermagem é a arte e ciência do cuidar, é necessária uma troca de informações e empatia entre quem cuida e quem é cuidado, porém essa troca, às vezes, se torna ausente no contexto do cuidar por diversos fatores, dentre eles o quadro clínico do usuário que pode não ter condições de interagir com o profissional (SILVA, 2015).

Num contexto geral da saúde, mas principalmente na enfermagem, o olhar voltado para o cuidado se tornou cada vez mais único e singular, sendo ele o foco maior e mais forte dentro da prática dos enfermeiros (RAMOS, 2013). Apesar de toda ênfase que é dada a importância do cuidar ainda é perceptível que alguns profissionais desvalorizam esse elemento tão fundamental na prática da enfermagem, dando ênfase a tecnologias duras e procedimento meramente burocráticos e gerências. A desvalorização desse cuidar pode estar diretamente relacionada, na grande maioria dos casos, as influências culturais, religiosas, políticas que ainda traz um caráter mecanicista, hospitalocêntrico, dependente e reducionista a profissão (GALVÃO, 2013.)

A enfermagem passa por um processo de transição, desconstruindo o modelo biomédico e a ideia de que a profissão é unicamente mecanizada ao paciente e inserindo uma valorização ao cuidado de enfermagem, estabelecendo assim ao profissional mais autonomia e manejo. Essa transição ao mesmo tempo que estabelece uma crise no paradigma hegemônico, permite ao enfermeiros a construção de uma nova ideologia rica em amplitude na área exercida (ENDERS, 2013).

Neste sentido a enfermagem vem tomando espaços que ultrapassam contextos nacionais. Os enfermeiros assumem uma posição fundamental, tornando-se cada vez mais decisivo e eficiente no cenário de cuidado da população, abrangendo ações que promovam e protejam a saúde, como estimular a população a ter uma alimentação saudável e praticar exercício físico regularmente. Esse cuidado que transita por vários setores da saúde apresenta reflexos positivos de nível regional ao nacional, tornando motivo de crescentes debates e novos significados nessa área (BACKES et al., 2012).

No entanto, alguns fatores ligados à rotina do trabalho podem interferir no desempenho profissional, entre eles estão a organização do processo de trabalho, sobrecarga física e mental devido a altas demandas, número de profissionais inferior ao que o serviço demandaria, ritmo de trabalho acelerado, cobranças excessivas,

múltiplas funções e as relações interpessoais prejudicadas (TAVARES E SOUZA, 2017). A relação que o profissional vai estabelecer com seu trabalho pode refletir positivamente ou negativamente na sua saúde, satisfação, prazer e qualidade de vida (BRESOLIN, 2016).

Essas condições podem gerar o adoecimento físico e o sofrimento psíquico desses profissionais, que por vezes podem estar diante de condições insalubres de trabalho e ambientes desfavoráveis para o desenvolvimento de suas práticas. Além disso, em suas vivências laborais diárias, precisam lidar com fatores de risco intrínsecos e extrínsecos, como riscos químicos, físicos mecânicos e biológicos, bem como momentos que lhe demandam aspectos emocionais, diretamente ligados ao sofrimento dos pacientes e familiares que estão sendo assistidos (RIGUE, *et al.*, 2016).

Isto posto, o objetivo deste artigo é realizar uma revisão de literatura que visa discutir as possíveis causas de sofrimento psíquico desencadeados pelo trabalho na área da enfermagem, levantando questões que possam estar relacionadas a esse adoecimento bem como possibilidades e perspectivas para minimização de impactos negativos das condições de trabalho sobre o processo saúde-doença desses trabalhadores.

2 FUNDAMENTAÇÃO

2.1 O contexto da atuação na enfermagem

O trabalho pode ser compreendido a partir de diversas perspectivas teóricas, a exemplo da filosofia marxista, que lança o olhar para o trabalho como uma interação entre os indivíduos e o mundo, provocando uma transformação da natureza que resulte em um produto que satisfaça suas necessidades. Trazendo para o campo da saúde, pode-se pensar o trabalho como possibilidade de atender a necessidades individuais e coletivas de preservação da vida e promoção de saúde, ou seja, o 'trabalho vivo', em que na medida em que o trabalhador transforma sua realidade ele também é transformado por ela (VERISSIMO; PETO, 2018).

O trabalho da equipe de enfermagem está inserido no campo da saúde e é visto com um valor de troca dentro do processo histórico em que as práticas desse cuidado vêm sendo construídas ao longo dos anos. Com as grandes mudanças da globalização e a influência dela dentro do processo de trabalho os profissionais sentiram a necessidade de estarem cada vez mais qualificados e tomando uma posição mais ativa na execução de seus papéis. Na área da saúde também surgiu essa necessidade, a tecnologia vem evoluindo progressivamente, as demandas estão cada vez maiores, em meio a isso lidamos com o envelhecimento populacional e tudo isso requer profissionais cada vez mais capacitados e ativos dentro desse cenário assistência (RIGUE, *et al.*, 2016)

Estudos mostram que a sociedade ainda tem uma visão negativa e distorcida da enfermagem, os próprios enfermeiros não têm o hábito de estar em comunicação com a sociedade mostrando a importância da sua atuação e trazendo informações esclarecedoras que contribuam para visibilidade e reconhecimento profissional. Refletir acerca disso nos faz enxergar como a sociedade e os próprios profissionais mantem a imagem sobre si (SANTANA, *et al.*, 2019).

É preciso que a enfermagem esteja sempre posicionada como uma ciência do cuidado que exerce ações abrangentes em todas as esferas da rede de saúde coletiva, seja no âmbito de promoção, prevenção e reabilitação a saúde. Para tanto, faz-se necessária uma graduação em enfermagem que capacite os futuros profissionais a se tornarem profissionais autônomos, proativos e capazes de atuar da assistência a gerência de todos os serviços de saúde, tornando assim a enfermagem uma profissão cada vez mais ampla dentro do seu campo de atuação,

mesmo ainda percebendo que os rótulos históricos que essa profissão carrega estigmatizam e limitam o profissional, diminuindo a disseminação do seu potencial e aumentando as opiniões negativas acerca da profissão (OLIVEIRA, , *et al.*, 2019).

O papel dos enfermeiros, quando é reconhecido, mostra a capacidade de um olhar compreensivo para com o outro, tem uma assistência integral aos usuários, acolhe e identifica a necessidade de cada um e dos seus familiares, promovendo a interação entre usuários, familiares, comunidade e equipe de saúde. A enfermagem pode criar uma relação efetiva com esse usuário, sem qualquer relação com interesses sociais, financeiros ou culturais, buscando sempre unir os saberes da profissão, como os saberes dos usuários e comunidade, tornando-se assim um profissional ético (BÜSCHER, *et al.*, 2019).

A enfermagem é uma profissão fundamental no sistema de saúde, suas práticas mútuas e integradoras de cuidado, que estão cada vez mais ganhando espaço dentro de suas ações de educação e promoção da saúde e avançando nas políticas centralizadas no bem-estar social das famílias e comunidade. Em uma forte tendência, a enfermagem cresce exponencialmente para ser a profissão do futuro, corroborando com as possibilidades de compreender o indivíduo não como um ser doente, mas como um ser singular e complexo, capaz de continuamente auto-organizar-se e projetar-se como autor do processo saúde-doença (BÜSCHER, *et al.*, 2019).

Os profissionais de enfermagem vêm atuando em diferentes áreas da saúde, levando sua essência de cuidado com o ser humano em todas as suas dimensões individuais e coletivas seja de forma integral e abrangente. Eles têm capacidade profissional para atuar em diferentes espaços, como na atenção, na gestão, no ensino, na pesquisa, no controle social, dirigindo-se para a autonomia e protagonismo social construindo assim conquistas técnico-científicas, legais e políticas pelo desenvolvimento de práticas cidadãs comprometidas com o bem-estar social (ERDMANN, *et al.*, 2019).

Um das áreas de destaque na enfermagem é a atuação dos enfermeiros na Estratégia de Saúde da Família (ESF), por exemplo, essa atuação é peça fundamental para a expansão e consolidação dessa estratégia na reorganização do modelo de atenção à saúde no Brasil. Isso porque o enfermeiro possui atribuições de várias naturezas que, no seu conjunto, contemplam desde a organização das atividades da ESF, o funcionamento do centro de saúde, até a assistência direta ao

indivíduo, família e comunidade (CAÇADOR, *et al.*, 2015).

A inserção desses profissionais na equipe de saúde da família demanda a realização de atividades de natureza educativa, assistencial e administrativa, contribuindo de forma significativa para a resolutividade nos diferentes níveis de atenção à população. Ao se considerar este aspecto, e tendo em vista a importância do enfermeiro na ESF, se faz necessário conhecer as vivências presentes no cotidiano da saúde da família (MOREIRA, *et al.*, 2015). Na grande maioria das realidades no Brasil, o enfermeiro atua também como gerente dessa unidade de saúde da família (CAÇADOR, *et al.*, 2015).

A partir do exposto, fica claro que os enfermeiros não só atuam com saberes e práticas técnicas, mesmo que necessite delas, mas são vários aspectos juntos que contribuem para construção de prática social nos diferentes cenários da saúde. Por isso faz-se necessário uma maior visibilidade e valorização da classe, que apesar da evolução conquistada, esta categoria ainda é vista como submissa ao ato médico, além da discrepante diferença salarial equiparada à carga do trabalho desenvolvido, o que contribui significativamente para a desvalorização da profissão (VILELA, *et al.*, 2015).

Além disso, sendo uma profissão tão importante em sua área, verifica-se que, as condições de trabalho sofrem várias deteriorações como um intenso enxugamento de recursos materiais e falta de qualidade e quantidade de profissionais, fora isso carrega trabalhos com vínculos frágeis, instáveis, inseguros com baixos salários e perda total de direitos laborais (GALLASCH, *et al.*, 2019). A precarização das relações de trabalho, decorrentes de novos modelos na economia, afeta diretamente o mundo do trabalho, levando assim a trabalhadores com vínculos precários, temporários e perda de direitos trabalhista. Por outro lado, tem jornadas intensas de trabalho, com baixa remunerações e para ter condições mínimas de subsistência se submetem a jornadas duplas e até triplas de trabalho (NORONHA, *et al.*, 2015). Estas condições laborais podem provocar sentimentos de preocupação, inquietação, angústia, tristeza e conseqüentemente levar ao adoecimento (MESQUITA, 2013).

2.2 Adoecimento psíquico

A relação entre o ambiente de trabalho, as tarefas que ele exige e suas

consequências mostra um novo olhar sobre as questões da saúde e doença no trabalho, visto que as condições de trabalho acabam trazendo baixa qualidade de vida e repercute negativamente na saúde, levando ao adoecimento físico e mental (RAMOS et al., 2014; VANBOGAERT et al., 2014; MULLEN, 2015).

As diversas mudanças no mundo do trabalho provocaram repercussões no processo saúde-doença dos trabalhadores. O avanço da tecnologia aliada a um conjunto de inovações organizacionais alterou assustadoramente a busca por produção por parte dos países capitalistas que focam à alta produtividade e serviços cada vez mais exigentes. Essas alterações levou um impacto notório na organização, condições e relações de trabalho (ZANELLI; BORGES-ANDRADE; BASTOS, 2014).

Trazendo essas novas mudanças no cenário econômico para os profissionais de enfermagem, as atividades realizadas por essa classe são consideradas insalubres e estão expostos a riscos ocupacionais. A rotina de trabalho da equipe de enfermagem em quase sua totalidade compromete à saúde, pelo manuseio frequente com substâncias químicas perigosas e materiais biológicos infectantes e riscos à saúde mental, pelo elevado nível de tensão a que estão expostos nos ambientes de trabalho (DALRI et al., 2014; BARRETO et al., 2016; SILVA; GUIMARÃES, 2016).

O trabalho de enfermagem é considerado uma atividade que pode causar dor e sofrimento a quem cuida, por trazer desgaste e estresse durante o cotidiano de suas atividades profissionais e isso levar a tristeza. Esses sintomas podem levar ao afastamento do profissional de seu âmbito de trabalho. A precarização do trabalho em enfermagem tem sido fundamental para o adoecimento dos profissionais e prejuízo à assistência prestada (SILVA; MARCOLAN, 2020.)

Em todas as áreas, a atuação dos enfermeiros pode ser estressante, pois o mercado de trabalho pressiona para produzirem mais e melhor diariamente, mas não os dá garantias de uma estrutura ocupacional que torne viável e produtivo o processo de cuidar. Prestar uma assistência adequada engloba o paciente e a família e, para isso, os profissionais precisam estar preparados tanto nos conhecimentos e emoções quanto nos ambientes com estruturas adequadas (MAGAGNIN, *et al.*, 2008).

Os enfermeiros dentro da rede de saúde são vistos como um profissional de

múltiplas tarefas, porém a baixa remuneração, cobrança excessiva e a falta de incentivo para a capacitação, deixa o profissional de enfermagem desmotivado e desvalorizado, o que pode repercutir na produção e prestação do cuidado em saúde. Essa desvalorização profissional também assume um dos fatores que levam a precarização. Assim sendo, salienta-se que a desvalorização profissional gera desmotivação, levando ao baixo rendimento nas atividades do cuidado em saúde (FILHO; ALMEIDA, 2016).

Outro fator que leva a precarização é a sobrecarga de trabalho, devido a suas múltiplas tarefas, unindo-se aos demais fatores e podendo levar ao adoecimento laboral, de tal forma que se o corpo sofre, a mente também sofre. Portanto, assim o desgaste mental é a principal causa de adoecimento psíquico associado ao trabalho. Os enfermeiros são sujeitos a altas demandas psicológicas e apresentam índices de baixo suporte de trabalho, com fator de risco para adoecimento e ausência de fator protetor. Outro fator vivenciado pela equipe de enfermagem é a falta de autonomia, o que, em muitos aspectos, dificulta o alcance das metas assistenciais e gerenciais, entre outras (FERNANDES; SOARES; SOARES E SILVA, 2018).

Contudo, não são apenas a alta demanda no trabalho, rígida supervisão sobre as atividades desempenhadas, baixos salários e o reduzido reconhecimento social que a profissão detém no cenário nacional, que colocam esses profissionais em situação de vulnerabilidade. Há também a necessidade de lidar com o sofrimento e a vivência do processo de morte e morrer (SOUZA, *et al.*, 2018)

Todas essas questões tornam o profissional de enfermagem vulnerável a possíveis manifestações clínicas e psíquicas como estresse, taquicardia, hipertensão arterial sistêmica, sonolência, sudorese, esgotamento físico e mental, depressão, fadiga, cefaleia, dor epigástrica e irritabilidade. E isso abre vertente para duas situações, o comprometimento a assistência prestada aos pacientes e a qualidade de vida dos profissionais (BAPTISTA, *et al.*, 2018)

Os profissionais estão diariamente expostos a riscos biológicos, a violência ou ameaças, a privação de sono (devido a frequência de plantões noturno), ao pouco número de profissionais na equipe, questões relacionadas com o desenvolvimento da carreira e o lidar com pacientes difíceis ou gravemente doentes, favorecem o aparecimento do estresse nos profissionais (DALRI *et al.*, 2014; ADRIAENSSENS; DE GUCHT; MAES, 2015; BARRETO *et al.*, 2016; SILVA; GUIMARÃES, 2016). Associado ao estresse, outros agravos podem aparecer como a

ansiedade, depressão e até a síndrome de *burnout*, causada pela exaustão extrema, sempre relacionada ao trabalho do indivíduo. Toda a insatisfação pelo ambiente laboral, a condições social e econômica que esse profissional sobrevive, a falta de controle perante o trabalho e o baixo apoio e reconhecimento social de suas práticas figuram como fatores determinantes para o aparecimento do estresse (FILHO; ALMEIDA, 2016).

Um ponto importante em meio a essas questões é que muitas vezes esses profissionais começam a passar por esse processo de adoecimento, mas não enxergam, nem fazem a associação com o ambiente laboral. Estão em uma rotina na qual cuidam do outro, negligenciando o cuidado de si mesmo. O humor e o estilo de vida ficam afetados, mas eles não percebem esse adoecimento (FILHO; ALMEIDA, 2016)

A literatura mostra um crescente aumento de agravos psíquicos e a medicalizações de médicos e enfermeiros, mesmo que essa automedicação proporcione o alívio dos sintomas, podem existir efeitos adversos que além de não dá resolutividade ao caso ainda podem causar enfermidades iatrogênicas, mascaramento de doenças evolutivas, intoxicações, reações adversas, interações medicamentosas, desenvolvimento de resistência e reações alérgicas. A curto prazo a automedicação minimiza os sinais e sintomas, mas por vezes não soluciona propriamente o problema e adiciona o risco que pode piorar o caso (GALVAN; DAL PAI; ECHEVARRÍA-GUANILO, 2016).

A busca por um olhar diferenciado sobre o exercício profissional do enfermeiro é incessante. Essa discussão permite uma melhor compreensão das funções associados ao exercício profissional dos enfermeiros e que a partir dessa compreensão possa existir mais valorização e visibilidade (BÜSCHER, *et al.*, 2019)

2.3 Perspectivas e caminhos

Diante de contextos laborais que levam ao adoecimento, perspectivas precisam ser criadas para minimizar impactos negativos das condições de trabalho sobre o processo saúde-doença desses trabalhadores. Cresce a tendência para preocupar-se não apenas com os aspectos relativos à saúde física, mas também à saúde mental dos trabalhadores, contemplando análises sobre a identidade do trabalhador, a relação do trabalhador com a atividade laboral, o sofrimento psíquico e

prazer no trabalho (Bühler; Silva, 2010).

A luta em busca da construção de um novo paradigma no trabalho é constante. Esse processo de construção integra os trabalhadores no processo produtivo, valorizando suas tarefas, aumentando sua autoestima e contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida, satisfação pessoal e no trabalho. Deve ser constante a luta por condições dignas e seguras nas atividades laborais por meio de planejamento e implementação de ações específicas voltadas para a área da saúde do trabalhador (PROGIANT, *et al.*, 2016).

A saúde do trabalhador tem conquistado importante e amplo espaço, visto que o trabalho tem ocupado um espaço central dentro da sociedade. Nesse contexto, a Saúde do Trabalhador adquire mais relevância, incentivando a luta dos vários grupos de trabalhadores pela conquista de melhores condições de trabalho. Os profissionais estão buscando repensar os modelos tradicionais de organização do trabalho, criando condições de flexibilização através da participação dos trabalhadores nos processos de decisões e transformações, a fim de favorecer a promoção da saúde e melhorias na qualidade de vida do trabalhador (PROGIANT, *et al.*, 2016).

Os núcleos de saúde do trabalhador implantam políticas de saúde voltadas ao trabalhador com ações que venham a neutralizar os riscos ocupacionais, a promover saúde e segurança aos trabalhadores, e a tratar aqueles que já se encontram adoecidos. Propõe as mudanças físicas e estruturais da instituição, enfatiza-se também a preocupação dos trabalhadores no sentido de serem valorizados enquanto ser humano para a construção de um mundo laboral digno e decente, com repercussão de satisfação com o seu próprio trabalho (Giroto; Diehl, 2016).

Os profissionais de enfermagem precisam buscar formas de transformar seu processo de trabalho a fim de minimizar o impacto da sua divisão social e da sua organização, e devem comprometer-se mais com a melhoria da sua saúde e dos seus direitos em relação a um trabalho com dignidade e segurança para todos, a fim de promover a saúde, conforme preconiza a política de saúde do trabalhador trabalhador (PROGIANT, *et al.*, 2016). É importante também o trabalhador aprofundar seus conhecimentos no que diz respeito à Saúde do Trabalhador, a fim possibilitar o desenvolvimento de soluções e medidas que proporcionem melhores condições de trabalho, prevenindo e/ou minimizando os riscos ocupacionais (Giroto; Diehl, 2016).

A perspectiva é que o campo de saúde do trabalhador continue adiante,

embora por caminhos tortuosos marcados pela reestruturação produtiva e em confronto com a hegemonia do mercado que tritura relações sociais. As práticas mesmo sendo implementadas de forma lenta e com muitas limitações de ordem institucional e de conflitos de concepções, os avanços possibilitam visualizar melhor os desafios. Desafios, contudo, que mostram rumos, montam estratégias, aplica-se desejos criativos, fazem novas parcerias, induzem a reposicionamentos éticos e fomentam a necessidade de procurar outros conhecimentos ou outras saídas (Gomez; Vasconcellos; Machado, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão de literatura buscou levantar causais laborais que levam ao adoecimento psíquico do profissional de enfermagem, os sinais e sintomas desse adoecimento e possíveis perspectivas para melhor resolutividade das questões abordadas.

Refletir sobre paradigmas que, apesar do tempo, ainda se fazem presentes no nosso cotidiano do profissional de enfermagem, mostra como a profissão é peça fundamental dentro da rede de saúde, pois está presente em cada setor dessa rede, não só setores assistenciais, mas também educativa, administrativa, de pesquisa, entre outras. Os enfermeiros estão integralmente presentes dentro de hospitais e/ou comunidades, junto aos usuários e familiares e buscam de forma autônoma, criatividade e manejo dentro do processo de trabalho junto com a equipe multidisciplinar em seus âmbitos laborais.

Porém, apesar de tal importância, abordou-se também o quão invisível e desvalorizada a profissão ainda é e dentro dessa desvalorização abordou-se a precarização no trabalho que pode estar relacionada com adoecimento desses profissionais. Por fim, discutiu-se possibilidades de resolução dentro desse cenário, levando questões que possam servir como aliados dessa classe para um menor prejuízo laboral.

É necessário olhar para quem cuida, proporcionar condições dignas de trabalho, valorizar socialmente e financeiramente os profissionais da classe, estabelecer ações que visem o cuidar do cuidador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO-DOS-SANTOS, T. et al. Associação entre variáveis relacionadas à precarização e afastamento do trabalho no campo da enfermagem. **Ciência & Saúde Coletiva**, Bahia, p. 123-133, 2020.

ALVIM CCE; E SOUZA MMT; GAMA LN; PASSOS JP. Relação entre processo de trabalho e adoecimento mental da equipe de enfermagem. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, Rio de Janeiro, p. 12-16, 2017.

DIAS MO, SOUZA NVDO, PENNA LHG, GALLASCH CH. Percepção das lideranças de enfermagem sobre a luta contra a precarização das condições de trabalho. **RevEsc Enferm USP**, São Paulo, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018025503492>

DIEHL, L. GIROTTO C. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre a possível relação entre o diagnóstico e as situações de trabalho. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, p. 90-115, 2016.

FERNANDES MA, ET AL. Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem. **Rev Bras Med Trab**, Teresina, 2018. DOI: 10.5327/Z1679443520180228

FERREIRA DKS; MEDEIROS SM; CARVALHO IM. Sofrimento psíquico no trabalhador de enfermagem: uma revisão integrativa. **Rev Fund Care Online**, Rio de Janeiro, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i1.253-258>

FERREIRA, J.C.S.C.et al. Onde está a enfermagem? A (in)visibilidade desta categoria profissional nos meios de comunicação. **Enferm. Foco**, Ceará, p. 50-56, 2020.

FONSECA, F.A.C. et al. A saúde de quem cuida da saúde: trabalho de enfermagem e qualidade de vida. **Revista Cuidarte**, Catanduva-SP, v. 2, n. 1, p.30-39, 2008.

LAITANO AD, SILVA GT, ALMEIDA DB, SANTOS VP, BRANDÃO MF, CARVALHO AG, et al. Precarização do trabalho da enfermeira: militância profissional sob a ótica da imprensa. **Acta Paul Enferm**, Bahia, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201900042>

MORAES FILHO IM, ALMEIDA RJ. Estresse ocupacional no trabalho em enfermagem no Brasil: uma revisão integrativa. **Rev Bras Promoç Saúde**, Fortaleza, p. 447-454, 2016.

NORONHA, I.R. et al. Adoecimento de trabalhadores de enfermagem no contexto hospitalar. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2018.31170>

PETO, L. C. & VERISSIMO, D. S. Natureza e processo de trabalho em Marx. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i181276>

RAMOS DKR, MESQUITA SKC, GALVÃO MCB, ENDERS BC. Paradigmas da saúde e a (des)valorização do cuidado em enfermagem. **Enfermagem em Foco**,

Rio Grande do Norte, p. 41-44, 2013.

RIGUE. A.A. et al. Satisfação profissional: percepção de enfermeiros de um hospital universitário. **Cogitare Enferm**, Santa Maria - RS, p. 01-09, 2016.

SANTOS, J.D.W. et al. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. **Revista Cuidarte**, Catanduva-SP, 2019; <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>

SILVA MRG, MARCOLAN JF. Condições de trabalho e depressão em enfermeiros de serviço hospitalar de emergência. **Rev Bras Enferm**, São Paulo, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0952>